

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 12/12/2027.

ANDREA TEDESCO CANALES ROCHA

**POR QUE OLHAR PARA OS ANIMAIS NA CENA
CONTEMPORÂNEA?**

**Ensaio sobre as relações interespecies nas
Artes Cênicas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (PPGA-IA-Unesp), como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Artes.

Área de concentração: Artes Cênicas.

Linha de Pesquisa: Estética e Poéticas Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Torres Machado.

São Paulo

2025

Aos meus ancestrais circenses multiespécies.
Àqueles que partiram, mas seguem existindo.
Àqueles com quem faço causa comum.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Vinicius Torres Machado, que corajosamente acolheu esta pesquisa e que, com isso, possibilitou tantos desdobramentos importantes, dentro e fora da academia.

Às artistas e pesquisadoras Tania Alice e Veronica Fabrini, pela leitura atenta e pela troca preciosa.

Ao amigo de todas as horas, João Pedro Ribeiro, sem o qual tudo teria sido tão mais complicado dentro do universo acadêmico.

Ao Pedro e ao Olavo, por tanto amor, cuidado e cumplicidade nesses 50 milhões de anos de travessia que dividimos.

Aos meus sobrinhos e afilhados, que me colocam em movimento e não deixam que eu me dê ao luxo de desacreditar.

À Clara Cornejo que, com muito amor, mudou minha forma de estar no mundo.

Aos meus amigos e parceiros de caminhada, que reinventam o mundo e são fonte constante de admiração e inspiração. Aos amores, que estão sempre presentes (na vida e na arte, na alegria e na tristeza) e que fazem tudo ficar mais leve e divertido. Carla Kinzo, Marcos Gomes, Lucas Mayor, Marina Tranjan, Rafael Truffaut, Gustavo Paiva, Camilo Schaden, Paula Arruda, Murilo Martins, Juliana Angel Osorno, Rogério Zagallo e Katia Holz.

Aos parceiros de criação e luta da Coletiva Animalia.

À Doce, à Linda, à Juno e à Chaia, que alargam a minha existência e me conectam com a grandeza da vida.

Aos meus padrinhos, ao meu pai e à minha mãe.

Havia cinco pássaros no comedouro e todos estavam virados para fora, não para a comida, todos igualmente imóveis. Ela os observava. Não estavam olhando, nem escutando, e sim sentindo alguma coisa, concentrados na sensação. Todas essas palavras estão erradas, pensou ela.

(Don DeLillo – A Artista do Corpo)

RESUMO

Existem diversas possibilidades de participação de animais na cena. Eles podem ser narrados na dramaturgia, representados de diferentes formas, podem estar presentes como performers, podem estar mortos ou aos pedaços, podem estar na composição do ator ou bailarino, na composição do figurino e cenário, e podem ainda estar no método de criação. Uma infinidade de possibilidades. Fugindo ao recorte historiográfico, essa dissertação parte da premissa de que os animais, apesar de muito presentes na cena, constituem um ponto cego de abordagem, e se propõe a pensar a respeito dessas presenças. Para tanto, lança mão de outros campos do conhecimento, como a filosofia, a etologia e a zooliteratura, entendendo que a questão dos animais não é apenas mais uma dentre tantas outras questões, mas sim, uma questão fundamental, que diz respeito ao que nos constitui enquanto animais humanos, à nossa história e ao nosso futuro.

Palavras-chave: animalidade; teatro contemporâneo; performance art; antropoceno; relações interespecies.

RESUMEN

Existen diversas posibilidades de participación de los animales en escena. Pueden ser narrados en la dramaturgia, representados de diferentes maneras, pueden estar presentes como intérpretes, pueden estar muertos o en pedazos, pueden estar en la composición del actor o del bailarín, en el vestuario y la escenografía, e incluso pueden estar en el método de creación. Una infinidad de posibilidades. Evitando el enfoque historiográfico, esta disertación parte de la premisa de que los animales, aunque muy presentes en la escena, son un punto ciego de análisis, y se propone reflexionar sobre esta presencia. Para ello, recurre a otros campos del saber, como la filosofía, la etología y la zooliteratura, entendiendo que la cuestión de los animales no es una más entre otras muchas, sino una fundamental, porque atañe a lo que nos constituye como animales humanos, a nuestra historia y a nuestro futuro.

Palabras clave: animalidad; teatro contemporáneo; performance art; antropoceno; relaciones interespecies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – “Operação CGE” em São Paulo.....	63
Foto 2 – “Operação CGE” em Curitiba.....	64
Foto 3 – “Operação CGE” em Curitiba.....	65
Foto 4 – Pombas durante “Operação CGE”.....	66
Foto 5 – “Pintando outros mundos possíveis ou Arte Cãocreta”.....	69
Foto 6 – Circo-Teatro Oni.....	109
Foto 7 – “Catábase em 5 sonhos” – Sonho # 1.....	110
Foto 8 – “Catábase em 5 sonhos” – Sonho # 1.....	111
Foto 9 – “Catábase em 5 sonhos” – Ritual inicial.....	133
Foto 10 – “Catábase em 5 sonhos” – Sonho # 2.....	134
Foto 11 – “Catábase em 5 sonhos” – Ritual final.....	135
Foto 12 – “Catábase em 5 sonhos” – Sonho # 3.....	136

SUMÁRIO

1 Introdução Ensaio e Animalidade.....	11
2 Na véspera do tempo	17
2.1 Breve contexto de fim de mundo.....	18
2.2 O Teatro e o Outro	21
2.3 A Excepcionalidade Humana e a Excepcionalidade do Artista	33
3 Performance e animalidade.....	42
3.1 Lebres, coiotes e Carvalhos	47
3.2 Pombos.....	58
3.3 Cães	67
4 Teatro e animalidade.....	70
4.1 Mortos e retalhados	71
4.2 Devires e pontos de fuga	72
4.3 Perspectivas.....	78
4.4 Jogo	81
4.5 A realidade que rasga a cena.....	84
4.6 Performances extremas	85
4.7 A recusa ao pragmatismo da percepção	92
5 O processo de criação de “Catábase em 5 sonhos”	101
5.1 Um rasgo, um corte. Uma descida.	102
5.2 “Catábase em 5 sonhos”	109
6 Considerações Finais	137
Referências.....	141

1

Introdução

Ensaio e Animalidade

Certo dia, num de seus sermões, em vez de falar ele apenas exibiu
uma flor que trazia na mão. Todos olharam desconcertados.
Somente um dos presentes sorriu.
(Adriana Lisboa – O Sermão da Flor)

Apesar de ter ingressado no mestrado em 2023, eu já vinha pesquisando, artisticamente, o tema da animalidade desde 2019, de modo independente. Meu desejo inicial era analisar a relação entre animais humanos e não humanos nas artes da cena, a partir da década de 70, quando elementos das artes da performance ganharam os palcos nacionais. Durante a pesquisa, porém, pareceu-me evidente que não seria possível me ater ao âmbito nacional. Algumas obras que escapam a esse recorte espacial, mas que são icônicas da relação entre animais humanos e não humanos, precisariam entrar no trabalho. Caso das obras de Joseph Beuys e de Romeo Castellucci. Todas as peças e performances que compõem esta dissertação foram escolhidas por dialogarem com conceitos importantes relativos à animalidade. São obras que trazem a animalidade em forma e/ou conteúdo, e que me atravessaram no exercício de pensar sobre a relação que temos estabelecido com os animais, dentro e fora da cena. Obras a que assisti ao vivo (a maioria delas) ou em vídeo.

O mais importante para mim é que esta dissertação seja uma oportunidade para contar histórias como elas não são costumeiramente contadas, com ênfases improváveis. Histórias de filósofos menos celebrados que Descartes, de ativistas como Angela Davis e Carol J. Adams, de artistas desconhecidos do grande público, de animais narrados, representados, retalhados, performados e performers da cena. Para mim, o mais importante em realizar essa pesquisa é ter a oportunidade de difundir pensamentos contra-hegemônicos, de causar estranhamentos, dissonâncias e dissensos.

Difícil precisar quando essa pesquisa começou exatamente. Quando comecei a me interessar por etologia, a ler artigos e livros sobre o tema da animalidade, quando comecei a criar artisticamente sobre ele, quando comecei a ver o mundo a partir desse estudo. Não sei. Quando comecei a ver o mundo de cabeça para baixo e quando a normalidade da nossa organização social e do nosso cotidiano ganharam contornos de distopia. Também é difícil saber aonde essa pesquisa vai me levar e quais desdobramentos ela ainda vai ter. Por todos esses motivos e, principalmente, pela relevância que esse estudo passou a ter na minha vida, dar uma forma para essa pesquisa, colocá-la em palavras escritas é uma tarefa difícil. Talvez eu esteja ensaiando essa

pesquisa (na vida) desde 2017, na performance (como dito anteriormente) desde 2019, e agora, mais recentemente, na academia. Ensaaiando. O único formato possível dessa escrita é o ensaio. Portanto, mais que uma escolha, o ensaio é uma consequência. Uma realidade.

Ainda que haja algo de contraditório em permitir que essa escrita se construa enquanto ensaio, já que é um gênero que nasce na modernidade justamente pela centralidade que o “eu” assume a partir desse período. Modernidade que forjou os seres humanos que somos, e que até os dias atuais impõe modelos ultrapassados quando pensamos na relação entre animais humanos e não humanos. Modernidade, portanto, que é um dos objetos de crítica dessa pesquisa, a qual se propõe a questionar alguns sintomas, desdobramentos e consequências desse modo de estarmos centralizados no mundo.

Apesar disso, o ensaio também surge como necessidade de questionar um mundo que deixa de fazer sentido. Um mundo em crise e em transição. E o que nós poderíamos dizer desses nossos tempos? Por isso, ainda que haja alguma contradição com relação à escolha do ensaio enquanto espaço de protagonismo do eu, o formato surge também como crítica do período histórico anterior – e aqui também, nessa pesquisa. Surge a partir de um eu que não é tema, mas um ponto de vista que se situa num tempo e que não se quer como uma universalidade. (Larrosa, 2004)

Tomando o texto “Operação ensaio” de Jorge Larrosa (2004) como referência, interessa-me trabalhar o ensaio como pensamento no presente e que se faz no presente, como linguagem da experiência, como um modo de habitar o mundo, mais do que um gênero literário. Essa abordagem tem especial valor nessa pesquisa, já que a questão da experiência tem sido um campo de disputa para pensar a animalidade em relação à ideia de humanidade. Na recente obra “*Filosofía de la animalidad*”, do filósofo Felice Cimatti (2021), a relação entre experiência e animalidade é explorada a partir da ideia de imanência como algo que também é da ordem do humano, diferentemente das perspectivas tradicionais, como a de Heidegger¹, a qual via a animalidade

¹ Cimatti (2021) contrapõe-se a Heidegger, que, segundo o filósofo italiano, usava a distinção entre mundo (*Welt*) e ambiente (*Umwelt*) para distinguir o modo como os animais humanos e não humanos experienciam a existência. Tendo os primeiros uma experiência completa e complexa (de mundo); e os segundos, uma experiência limitada ao “ambiente” circundante de cada espécie. Cimatti (2021) também faz uma crítica à teoria do *Umwelt*, postulada pelo biólogo, filósofo e etólogo estoniano Jakob von Uexküll no livro “*Umwelt und Innenwelt der Tiere*” (Ambiente e Mundo Interior dos Animais), de 1909, a qual teria influenciado Heidegger. Segundo Cimatti (2021), a teoria, apesar de conceder liberdade aos animais por não os considerar como máquinas – fazendo referência a Descartes (1979,

a partir da ideia de imanência, mas como uma carência de "mundo". Nesta concepção tradicional, o animal seria um ente sem passado, sem futuro, pura presença. No livro, Cimatti (2021) argumenta que a animalidade é uma manifestação de vida em seu estado imanente e puro, onde não há necessidade de uma dualidade entre corpo e mente ou de uma mediação transcendental para a experiência ser completa. Em Cimatti (2021), a experiência imanente dos animais não é inferior ou limitada, mas uma forma de existência completa em si mesma.

Cimatti (2021) busca formular uma filosofia da animalidade, numa tentativa de tocar algo perdido por nós, animais humanos, pois para ele a ideia de experiência relacionada à animalidade é central para entender a vida humana em sua forma mais básica e direta, sem a necessidade de categorias transcendentais ou metafísicas. Cimatti (2021) propõe que a experiência deve ser compreendida como um fenômeno fundamentalmente sensível e corporal, intrinsecamente vinculado à condição animal de estar no mundo².

Colocando em diálogo Cimatti (2021) e Larrosa (2004), gosto de pensar que escrever pode ser um ato de animalidade, a expressão máxima de animalidade. Talvez não seja exato afirmar que existe um certo consenso (entre filósofos, pesquisadores e artistas) em torno da possibilidade de que a poesia seja a expressão artística mais próxima de uma ideia de animalidade. Mas, se não é exato pensar num consenso, posso ao menos afirmar que é um pensamento bastante difundido. Jacques Derrida (2002), numa das passagens mais bonitas do livro "O animal que logo sou", afirma que "o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por essência, teve de se privar. É a diferença entre um saber filosófico e um saber poético". (Derrida, 2002, p. 22) O saber poético é da

p.95) –, por outro lado, lhes retirava contraditoriamente a liberdade, ao considerá-los fechados dentro do seu "restrito" ambiente.

² Cimatti, ao contrário da argumentação aqui desenvolvida e de outros autores presentes nas referências bibliográficas desta dissertação, postula que a questão dos animais não é da esfera da ética, visto que, para ele, não basta nos "ocuparmos dos animais" ou não bastam nossas boas intenções para deixarmos de ser antropocêntricos. Para Cimatti essa é uma questão de antropologia (2021). Por isso, o filósofo dialoga muito com a psicanálise, entendendo-a como um campo que não deseja controlar o sujeito, mas sim, liberá-lo. Cimatti define seu pensamento como impolítico, e defende que só será possível superarmos o modelo hierárquico sujeito/objeto através de uma pós-política, que considere toda a agentividade que há no mundo. Segundo ele: "trata-se de ver o mundo como algo sagrado. Um mundo plano, agentes não-humanos, animais, mas também agentes não vivos, como um rio ou uma nuvem. Um mundo de agentes que não são sujeitos políticos. Acredito que precisamos de uma pós-política, de uma política sem sujeitos. Tal política também será finalmente um mundo pós-capitalista." Informação fornecida pelo professor Felice Cimatti, durante a palestra "Por Uma Política dos Animais" (Diversitas/USP e Grupo Praxis/CFUL), no dia 07/12/2024, via Zoom.

ordem das lacunas, dos desvios, das dúvidas e contradições. E não é coincidência que o livro de Derrida (2002) tenha sido escrito em prosa poética. Também o filósofo Felice Cimatti (2021) afirma que a poesia é o devir-animal da linguagem. E prossegue, citando Agamben: “De fato, que é a poesia senão uma operação na linguagem que desativa e torna inoperantes as funções comunicativas e informativas, para abri-las a um novo, possível, uso?” ³(Agamben *apud* Cimatti, 2021, p. 258. Tradução nossa.) Na poesia algo sempre escapa. Assim como na animalidade.

O filósofo Brian Massumi (2017), no seu livro “O que os animais nos ensinam sobre política”, defende que a brincadeira animal cria condições para o surgimento da linguagem humana e indo mais longe defende que:

A lógica corporificada da brincadeira animal, pré-humana, pré-verbal, já é essencialmente análoga à linguagem. É efetivamente e enativamente linguística avant la lettre, como dizem os humanos em francês. Por que então o oposto também não seria verdadeiro: a linguagem humana ser essencialmente animal, do ponto de vista das capacidades lúdicas que carrega, tão intimamente vinculada aos poderes metalinguísticos? Pensemos no humor. Por que não considerar a linguagem humana uma reprise da brincadeira animal elevada a uma potência mais alta? Ou dizer que, na realidade, é na linguagem que o humano atinge seu mais alto grau de animalidade? (Massumi, 2017, p. 22).

Ao contrário de Cimatti (2023), que considera a linguagem como sendo o dispositivo determinante que nos afasta da animalidade, Brian Massumi (2017) propõe que a linguagem é onde o humano “entra mais intensamente numa zona de indiscernibilidade com a própria animalidade” (Massumi, 2017, p. 22). Ainda que uma primeira leitura possa sugerir que Felice Cimatti e Brian Massumi tenham apenas posições divergentes a respeito da relação entre linguagem e animalidade, uma leitura mais atenta detecta um pequeno, mas importante, ponto de convergência entre eles. Pois Massumi dá destaque especial às chamadas “capacidades lúdicas” da linguagem. Para o filósofo, são as funções metacomunicativas dos animais – com seus floreios gestuais, suas mordiscadas e lutas que são lutas ao mesmo tempo que não são –, que propiciaram o surgimento da linguagem humana com toda a capacidade lúdica que esta carrega. Parece-me que, nesse sentido, tanto Massumi quanto Cimatti (ao referir-se à poesia) apostam, em alguma medida, no potencial de uma expressão que

³ De hecho, ¿qué es la poesía sino una operación en el lenguaje, que desactiva y vuelve inoperantes las funciones comunicativas e informativas, para abrirlas a un nuevo, posible, uso?

desative e torne inoperante as funções informativas e comunicativas da linguagem. Apostam naquilo que escapa.

Inevitável, então, nos perguntarmos: será que a arte, em suas mais variadas linguagens, sempre carrega a possibilidade de adentrar essa zona de indiscernibilidade e tocar a animalidade que nos constitui enquanto animais humanos? Acredito que sim. Por esse motivo, tem me interessado pensar as artes da cena a partir de parâmetros de animalidade estabelecidos por filósofos e pesquisadores, entendendo a importância de criarmos áreas de mediação entre o campo das artes e os estudos animais como uma das possíveis estratégias de ressignificação da relação homem/animal. Uma estratégia “molecular”⁴ da esfera da micropolítica. Uma pequena fissura – ou talvez nem isso, talvez um arranhão – na lógica antropocêntrica. Mas um movimento, uma ação de fuga, algo que escapa nessa direção, para dentro.

Interessa-me dar contorno a essas presenças animais na cena⁵. Pensar essas presenças e as formas como elas se dão. Interessa-me questionar a centralidade do “eu” herdada da modernidade, assim como a centralidade do artista e da obra de arte. Interessa-me formular perguntas e fomentar pensamentos que possam nos colocar em modo de continuidade com outras espécies. Em continuidade e não em harmonia, como a moda da sustentabilidade capitalista propaga para abrandar responsabilidades, manter o estado das coisas e, claro, vender. Estar em relação com a alteridade animal implica em conflitos, mas também em alianças. Sem pretensão de criar uma arte animalista. Sem ingenuidade quanto ao nosso antropocentrismo, o qual não se desmonta apenas pelo desejo de fazê-lo.

⁴ Riachos, vazamentos, ranhuras, rachaduras – o lugar da micropolítica. Nos termos da relação com os animais, poderíamos dizer que o dualismo homem/animal é um segmento molar e que há todo um tipo de política envolvido nele, como a dos zoológicos, a das fábricas de produção animal e mesmo a da escravidão humana baseada em uma indistinção entre certos humanos e animais; no nível molecular, das linhas de fuga, há as saídas animais, humano-animais, animais-humanas, alianças multi-específicas ou contra a natureza, e elas dizem respeito à micropolítica. (Fausto, 2020, p. 187)

⁵ Importante observar, ainda, que, sempre que acontece de uma obra artística causar a reação dos movimentos de defesa dos direitos animais, o embate entre artistas e ativistas é tão intenso quanto fugaz. Depois que os ânimos se acalmam, voltamos para o conforto das certezas a respeito da nossa excepcionalidade de espécie e/ou de artistas. Ficamos na superfície. Nos esquivamos de tomar a questão para nós. E, dessa forma, perdemos a chance de desenvolver um pensamento a respeito de como as relações interespecies se dão nas artes da cena.

6

Considerações Finais

Nenhuma espécie fará luto por nós – podemos ter certeza disso –, e, de fato, essa pode ser a nossa única reivindicação legítima de excepcionalidade. (Despret, 2014, p. 2)¹⁰⁶

A relação entre animais humanos e não humanos é ampla e sensível. Atravessa dimensões culturais, sociais, econômicas, políticas e afetivas. Em meio à crise antropocêntrica — com ameaças de extinção e impasses éticos diante do uso de animais pela sociedade de consumo — pode parecer que, nas artes da cena, o tema seja menor. Acredito, no entanto, que se trata de um problema central, pois expõe a fantasia de superioridade de espécie que nos separa do mundo que habitamos. Repensar a presença de animais nas artes, nas artes da cena, é uma oportunidade de contribuir, simbólica e performativamente, para uma mudança de paradigma necessária. A arte não muda o mundo e, no entanto, muda.

Pelbart (2014), ao falar sobre os modos de instaurar existência daqueles que não existem, aponta que ainda é uma extravagância pensar um sujeito não antropológico, mas que a tendência do pensamento contemporâneo é admitir outros pontos de vista e uma pluralidade de mundos. E, então, empresta de Deleuze a figura do vidente que seria essa pessoa que tem a capacidade de “enxergar em determinada situação algo que a excede” (Pelbart, 2014, p. 262). O vidente seria aquele que

enxerga a intensidade, a potência, a virtualidade. Não é o futuro, nem o sonho, nem o ideal, nem o projeto perfeito, mas as forças em vias de redesenharem o real. O vidente pode ser o artista, o pensador, a singularidade qualquer, o anônimo, o pobre, o autista, o louco; em todo caso, é aquele que, à sua maneira, chama por um modo de existência por vir. (Pelbart, 2014, p. 262)

As artes, mas também o contexto que vivemos, nos convocam a enxergar as forças em vias de redesenharem o real. E nos possibilitam perguntar: quais seres nos pedem para ser instaurados? Quais pedem para lhes conferir um pouco mais de existência? Essa pesquisa se detém sobre a questão dos animais e da animalidade. Sobre esses povos tão diversos que têm nos convocado a falar por eles. Nos convocado a vê-los. Mas é preciso ir além, é necessário nos sabermos vistos. Não é possível continuarmos a responder às questões que se impõem de acordo com a norma antropocêntrica que transforma os outros vivos em seres absolutamente desinteressantes

¹⁰⁶ Texto publicado originalmente em <http://www.publicbooks.org/artmedia/alexis-rockman-drawings-from-life-of-pi-with-a-letter-to-the-artist>, com tradução para o inglês de Pascale Torracinta. Tradução provisória para o português de Juliana Fausto. Disponível em: <https://nosanimais.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/11/carta-ao-artista-vinciiane-despret.pdf> Acesso em 18 out. 25.

e desinteressados. Não é possível continuarmos a nos apoiar numa lógica normopática que se ancora na superioridade da razão humana, da linguagem e da cultura. Ou que se esconde atrás de argumentos que evocam a hipocrisia da sociedade em que vivemos. Devemos nos perguntar: estamos operando dentro da lógica da mesmidade? A sobrevivência, a vida e a arte exigem a mútua inclusão entre o que está dado e o supernormal. É preciso ir além.

Uma cena multiespécie não é necessariamente uma arena cosmopolítica. A crise antropocêntrica exige que tenhamos habilidade em responder a esses outros viventes que dividem a cena conosco em novos termos. Considerando-os como subjetividades que fazem parte do jogo cênico e para além dele. A crise exige que não nos contentemos com o que está dado, com uma ideia de animalidade pobre e a serviço da espécie humana. Somos capazes de transformar uma cena multiespécie em uma arena de possibilidades, perigos e maravilhamentos cosmopolíticos? No caso de impossibilidade, poderíamos abrir mão dessas presenças?

A prática das artes da cena nos oferece ferramentas que possibilitam uma compreensão (através da experiência e do corpo) daquilo que se pode definir como política animal (Massumi, 2017). São inúmeros os pontos de convergência entre a cena e essa política. A mútua inclusão, por exemplo, entre vida e arte, ator e personagem, ser e não ser. O exercício da simpatia, tanto na concepção empática de Bergson (2005) quanto na concepção enativa de Massumi (2017). O jogo e as relações estabelecidas a partir dele e por ele. O gesto não verbal, que sempre é corpo e, portanto, presença. O instinto que se traduz em criatividade. As linhas de fuga e os devires. Enfim, todos esses pontos convergentes sugerem a possibilidade de uma compreensão da animalidade através da própria experiência de animalidade que a cena propõe. A consciência dessa partilha de experiências comuns poderia nos ajudar a estabelecer alianças multiespécies menos assimétricas? Isso nos tornaria, artistas da cena, capazes de uma mediação sensível frente à necessidade de uma mudança paradigmática ainda incipiente? Nossa “excepcionalidade” — que, como aponta Despret (2014), pode nos conduzir à destruição — poderia, ao contrário, vir a ser o conjunto de características que nos torna hábeis para responder melhor ao tempo que nos coube?

Preciado (2020), no texto “O Feminismo Não É Um Humanismo”, coloca em xeque os feitos da modernidade humanista “que soube apenas fazer proliferar tecnologias da morte.” (Preciado, 2020, p.133) E a partir dessa premissa começa a delinear poeticamente “o animalismo que deverá convidar a uma nova maneira de viver com

os mortos.” (Preciado, 2020, p. 133). O animalismo não seria binário e, portanto, não seria, segundo o filósofo, a revanche de um clã contra outro. Não seria o comunismo e nem o capitalismo. Não seria um moralismo. Nem mesmo a homossexualidade ou a heterossexualidade. Para o filósofo, “o animalismo é o vento que sopra. É o caminho através do qual o espírito da floresta de átomos ainda alcança os seres que voam. Os humanos, encarnações mascaradas da floresta, deverão se desmascarar do humano e se mascarar novamente do saber das abelhas.” (Preciado, 2020, p 134) E continua:

A mudança necessária para começar o tempo animalista é tão profunda que parece impossível. Tão profunda que é inimaginável. Mas o impossível é o que vem. E o inimaginável é o devido. O que foi mais impossível ou inimaginável: a escravidão ou sua abolição? O tempo do animalismo é o tempo do impossível e do inimaginável. Nosso tempo: o único que temos. (Preciado, 2020, p134)

Eu não sei se animalismo é um bom nome para determinar esse “tempo do impossível e do inimaginável”, já que parece justamente fazer oposição à ideia de humanismo, porém entendo a intenção de Preciado em sua apaixonada fabulação de novos modos de coabitar. A animalidade não é binária; o nosso antropocentrismo, sim. Pode ser que, nesse tempo do impossível, o binarismo venha a ser apenas mais uma curiosidade sobre um passado pobre de possibilidades, o qual habitamos. Por enquanto, o termo animalismo ainda nos sugere sua dupla opositora, o humanismo.

Ainda a respeito do tempo que nos cabe, gosto de pensar que o nosso tempo, o único que temos, é a “véspera do tempo”. Expressão usada pela filósofa Fernanda Bernardo¹⁰⁷, a partir de Derrida. Vivemos na “véspera do tempo”. Estamos sempre na véspera. Estamos sempre na antessala do tempo. Gestamos o tempo. Por isso é tão importante fazer aquilo que deve ser feito. Para que venha o tempo do inimaginável. O tempo que virá e que não será o nosso tempo, mas que será daqueles que, apesar de não estarem aqui, já existem.

¹⁰⁷ Fernanda Bernardo é professora na Universidade de Coimbra. Filosoficamente posicionada na Desconstrução. Trabalhou com Derrida, sendo tradutora de alguns de seus livros para o português.

A expressão “véspera do tempo” foi utilizada pela professora, durante a palestra “Desconstruções da Soberania. Derrida – O Eleito Secreto do ‘Animal’” (Diversitas/USP e Grupo Praxis/CFUL), no dia 05/07/2025, via Zoom.

Referências

- ABECEDÁRIO de Gilles Deleuze. Direção: Pierre-André Boutang. França, 1996. Disponível em <https://clinicand.com.br/o-abecedario-de-gilles-deleuze/> Acesso em 21 mar. 2025.
- ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana**. 2. ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.
- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: el poder soberano y la nuda vida I**. Tradução de Antonio Gimeno Cuspinera. Valencia: Pre-Textos, 1998.
- ALICE, Tania; MONSALÚ, Fabiana (org.). **Arte relacional no Brasil: o que se faz – o que se come**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2022.
- ALICE, Tania. Petformances – Artes do Cuidado como poéticas do cuidado para/com/por animais. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**. Florianópolis, v. 2, n. 41, p. 1 - 20, set. 2021.
- ALICE, Tania. Tentativas de Performar o Encanto Durante a Pandemia. **Revista Científica/FAP**. Curitiba, v. 24, n.1, p. 75 – 82, jun. 2021.
- ARDENNE, Paul. **Extrême: esthétiques de la limite dépassée**. Paris: Flammarion, 2006.
- ARIOCH, D. Como os matadouros influenciaram Hitler na idealização de campos de concentração. **Jornalismo Cultural**, [s.l.], 11 nov. 2017. Disponível em: <https://davi-darioch.com/tag/matadouro/page/2> Acesso em: 02 dez. 2024.
- ATOR CRIADOR. Boa Companhia. **Ator Criador**, 21 jan. 2015. Disponível em: <https://atorcriador.com.br/boa-companhia/>. Acesso em: 31 out. 2025.
- BATESON, Gregory. Uma teoria da brincadeira e da fantasia. In: BATESON, Gregory. **Rumo a uma ecologia da mente**. Tradução de Simone Campos. São Paulo: Ubu, 2025.
- BERGER, John. **Por que olhar para os animais?** São Paulo: Editora Fósforo, 2021.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BEUYS, Joseph. Como explicar imagens para uma lebre morta – entrevista no programa Club 2 (parte 1/2). [Vídeo]. Exibido em: 27 jan. 1983. Publicado em: YouTube, s.d. Duração: 1 vídeo (~14 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0Rz8EcAeg8>. Acesso em: 17 set. 2025

BEUYS, Joseph. *I like America and America likes me (Coyote)* 1974. *My Collection of Weird Stuff*. [Vídeo]. YouTube, 9 jul. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IjI3_w9ZbX0 Acesso em: 17 set. 2025.

BEY, Hakim. **Caos. Terrorismo Poético e Outros Crimes**. São Paulo: Editora Conrad, 2003

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2009.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta do achamento do Brasil: imagens, dicas e notas explicativas para transformar sua leitura em uma aventura**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2022. ISBN 978-65-5535-926-8.

CAPÍTULOS de Baker: Josephine Baker, bananas e o racismo. Direção: Cristiane Zuan Esteves. Roteiro: Cristiane Zuan Esteves. São Paulo, 2020. Publicado pelo canal do YouTube Histórias de Baker. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0rInqlo0bk&list=PL2WT-BcdI_KSbQfwlmh6oR7YRp35st0u_&index=5 Acesso em 02 dez. 2024.

CAPÍTULOS de Baker: Zoológicos Humanos, ontem e hoje. Direção: Cristiane Zuan Esteves. Roteiro: Cristiane Zuan Esteves. São Paulo, 2020. Publicado pelo canal do YouTube Histórias de Baker. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=OV38t8rHvYg&list=PL2WT-BcdI_KSbQfwlmh6oR7YRp35st0u_&index=6 Acesso em: 02 dez. 2024

CASTELLUCCI, Romeo; PITOZZI, Enrico. À beira das imagens: o cérebro como tela de projeção. **Revista Cena**, Porto Alegre, n. 8, p. 131–152, 2010. Entrevista concedida por Romeo Castellucci a Enrico Pitozzi. Tradução de Marta Isaacsson. DOI: 10.22456/2236-3254.18164. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/18164>. Acesso em: 6 nov. 2025.

CASTELLUCCI, Romeo. O peregrino da matéria. **Sala Preta**, São Paulo, v. 7, p. 181–187, 2007. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v7i0p181-187.

CASTELLUCCI, Romeo; SEMENOWICZ, Dorota. Świadomość fikcji/ Awareness of Fiction. **Performer**, n. 13, 16 out. 2017. Entrevista concedida por Romeo Castellucci a Dorota Semenowicz. Disponível em: <https://grotowski.net/performer/performer-13/swiadomosc-fikcji> Acesso em: 3 nov. 2025.

CAZARRÉ, M. Terra em Cinzas: as queimadas de 2024. TV Brasil/ EBC, Brasília, 21 out. 2024. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2024/10/terra-em-cinzas-queimadas-de-2024> Acesso em: 02 dez. 2024.

CENTRO DA TERRA. *Primus*. Seção: Teatro. [S. l.]: Centro da Terra, s.d. Disponível em: <https://centrodaterra.org.br/primus-boa-companhia>. Acesso em: 31 out. 2025

CIMATTI, Felice. **Filosofia de la animalidade. Más allá de lo humano**. Barcelona: Tercero Incluido, 2021.

CYPRIANO, Fábio. Joseph Beuys e o abandono à arte. **Revista Arte!Brasileiros**. São Paulo, n. 55, p. 80-86, jun. 2021

COETZEE, J. M. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COETZEE, J. M. **Contos Morais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2005. v. 4.

DELILLO, Don. **A artista do corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

DE SANTI, M. Brasil registra em 2020 maior número de focos de incêndio em uma década. Rádio Senado, Brasília, 05 jan. 2021. Disponível em: : <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/01/05/brasil-registra-em-2020-maior-numero-de-focos-de-incendio-em-uma-decada#:~:text=A%20REPORTA-GEM%20%C3%89%20DE%20MAUR%20%C3%8DCIO,pelo%20Programa%20Queima-das%20do%20Inpe> Acesso em: 02 dez. 2024.

DESCARTES, René. Carta de Descartes ao Marquês de Newcastle (Egmond-Binnen, 23 nov. 1646). Tradução, introdução e notas de Fabien Pascal Lins e Guilherme Ivo. **Modernos & Contemporâneos**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 221-225, jul./dez. 2017.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Introdução e notas de Étienne Gilson. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2018.

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?** São Paulo: UBU Editora, 2021.

DESPRET, Vinciane. **Uma carta ao artista**. Tradução provisória para o português de Juliana Fausto. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <https://nosanimais.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/11/carta-ao-artista-vinciane-despret.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2025.

DESPRET, Vinciane. **Um Brinde aos Mortos – Histórias Daqueles Que Ficam**. São Paulo: n-1 edições, 2023

ELES Vivem. Direção: John Carpenter. Roteiro: John Carpenter. Los Angeles: Universal Pictures, 1988. Publicado pelo Canal do YouTube Documentário e Crítica Social. Disponível em <https://youtu.be/Qq3PxAbzcD0?si=xGpJKjpWa9n59JVN> Acesso em: 01 de dez. 2024.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**. São Paulo, v.8, p.235-246, nov. 2008.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O corpo-em-experiência. **Revista do LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais**. Campinas, n. 4, p.1-11, dez. 2013.

FABRINI, Verônica. **Artes do corpo, artes da alma**. Memorial de Livre-Docência — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2021.

FABRINI, Veronica. Comunicado a uma Academia e o Espetáculo Primus. **Rebento**. São Paulo, v.4, p 91-103, mai. 2013.

FAUSTO, Juliana. A cadela sem nome de Descartes: notas sobre vivissecação e mecanomorfose no século XVII. **Revista DoisPontos**, v. 15, n. 1, p. 43-59, 2018.

FAUSTO, Juliana. **A Cosmopolítica dos animais**. São Paulo: N-1 Editora, 2020.

FAUSTO, Juliana. Uma pomba pode visitar o lixo – voar com asas ferais. In: FLORES, Livia; SOMMER, Michelle Farias (orgs.). **Cadernos Desilha 3: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: PPGAV EBA UFRJ; PPGAC ECO UFRJ; Editora Circuito, 2021. p. 34–44.

FÉRAL, Josette. **Além dos Limites**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FÉRAL, Josette. **Teatro y violencia: ¿una mediación imposible?** Ed. lit. Francisco Albornoz Farías; Milena Grass Kleiner. Santiago de Chile: Frontera Sur Ediciones, 2016.

FILOCTETES em Lemnos. [Programa de espetáculo]. São Paulo: Sesc Pompeia, 11–20 jul. 2025. Concepção e performance: Vinicius Torres Machado. Direção: Marina Tranjan.

GARCÍA, Rodrigo. Accidens (matar para comer). 2006. Disponível em: <https://rodrigo-garcia.es/accidens>. Acesso em: 3 nov. 2025

GOLDBERG, RoseLee. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

GOMES, Marcos Nogueira; ROCHA, Andrea Tedesco Canales; RIBEIRO, João Pedro Ribeiro. Desmontagem – Catábase em 5 Sonhos. **Revista IEPA**, v. 2, out. 2024. Disponível em: <https://revista-iepa.com/editions/ed-2/> Acesso em: 17 set. 2025

GOMES, Marcos Nogueira. Narrativas contra-hegemônicas: das conferências-concerto às peças-palestra. **Urdimento—Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 4, n.53, p. 1-24, dez. 2024.

O GUIA pervertido do cinema [Documentário]. Direção: Sophie Fiennes. Roteiro: Slavoj Žižek. Áustria; Reino Unido: Mischief Films; Amoeba Film, 2006. Publicado em: YouTube — canal The Dude, s.d. Disponível em: <https://youtu.be/FYul4SFw4g0?si=jK8rEU1b-uzwSyx>. Acesso em: 1 dez. 2024.

GUTMANN, Amy. Introdução. In COETZEE, J.M. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 7-16.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Editora, 2023.

HARAWAY, Donna J. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HERVÉ, Céline-Marie. Grrrr... *Une réflexion a-scénographique à partir de la présence animale sur la scène théâtrale*. **InVivoArts**, n. 1, jul. 2023. Disponível em: <https://invi-voarts.fr/wp-content/uploads/2023/07/Celine-Marie-HERVE-Grrrr.-Une-reflexion-a-scenographique-a-partir-de-la-presence-animale-sur-la-scene-theatrale.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2025. ISSN 2825-9599.

INFOTEATRO. Pavão misterioso: DUAL estreia “Pavão Misterioso” e mescla dança com teatro de formas animadas. Infoteatro, 26 mar. 2024. Disponível em: <https://info-teatro.com.br/peca/pavao-misterioso/>. Acesso em: 31 out. 2025.

KAFKA, Franz. **Um Artista da Fome**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

KAFKA, Franz. Um Médico Rural. In: KAFKA, Franz. **Um médico rural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 13 – 22.

KAFKA, Franz. Um relatório para uma Academia. In: KAFKA, Franz. **Um médico rural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 59-72.

KINGTON, Tom. Police raid on theatre saves a lobster from certain death. The Guardian, World news, 17 mar. 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2007/mar/17/italy.animalwelfare>. Acesso em: 3 nov. 2025

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, Jorge B. Operação Ensaio. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 29, n.1, p.27- 43, junho de 2004.

LANDA, Fábio. Prefácio. In DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002. p. 7 – 9.

LATOURE, Bruno. As fábulas científicas de uma La Fontaine empírica. Prefácio. *In*: DESPRET, Vinciane. **Que diriam os animais?** Tradução de Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2021. p. 9–19.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. Tradução de Marcelo Gomes. Organização de Jean-Gabriel Carasso e Jean-Claude Lallias. São Paulo: Edições Sesc SP, 2010.

LEPECKI, André. Coreo-política e coreo-polícia. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 13, n. 1-2, p. 41–60, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p41>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41> Acesso em: 17 set. 2025.

LESTEL, Dominique. **As origens animais da cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

LESTEL, Dominique. Entrevista com Dominique Lestel. *In*: MACIEL, M. E. **Literatura e Animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 131 – 146.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade**. Tradução de José Pinto Ribeiro. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

LISBOA, Adriana. **O Vivo**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e Animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MACIEL, Maria Esther. **Animalidades. Zooliteratura e os Limites do Humano**. São Paulo: Editora Instante, 2023.

MARCONDES, Renan. Dois corpos para Warhol: reverberações em Hamlet-máquina de Heiner Müller e Inferno de Romeo Castellucci. **Urdimento**, v. 2, n. 27, p. 46–61, dez. 2016. DOI: 10.5965/1414573102272016046.

MARCONDES, Renan. Procedimentos de criação em As Métopas do Partenon, de Romeo Castellucci. **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/14145731023820200040>

MARTIN, Nastassja. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34, 2021.

MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MIRANDA, G. Desespero, raiva e sensação de fracasso atingem cientistas climáticos diante da falta de ações efetivas. Folha de São Paulo, São Paulo, 02 jun. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2024/06/desespero-raiva-e-sensacao-de-fracasso-atingem-cientistas-climaticos-diante-da-falta-de-acoes-efetivas.shtml> Acesso em: 02 dez. 2024.

MONTAIGNE, Michel de. **Os ensaios**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2010.

NA LINHA de produção. *Página 22*, São Paulo, 21 maio 2014. Disponível em: <https://pagina22.com.br/2014/05/21/na-linha-de-producao/>. Acesso em: 7 dez. 2024.

OS PALHAÇOS (I clowns, 1970) – cena final. Direção: Federico Fellini. [Vídeo]. Canal: Rio1949. YouTube, [s.d.]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qwy_JqS5vV0. Acesso em: 7 nov. 2025.

PELBART, Peter Pál. Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”. In: **BIENAL DE SÃO PAULO (org.). Como falar de coisas que não existem**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014. p. 250–265 Disponível em https://is-suu.com/bienal/docs/31_livro_pt/252 Acesso em 05 de set. 2025

PEREIRA, Daniela Alves. Joseph Beuys: uma investigação sobre modos de ação. **Revista Aspas**. São Paulo, v. 4, n.1, p. 92 – 101, jun. 2014.

PHELAN, Peggy. A ontologia da performance: representação sem reprodução. **Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa, n. 24, p. 171-191, 1997.

PRECIADO, Paul B. O feminismo não é um humanismo. In: PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

QUILICI, Cassiano Sydow. Ação e Representação nas Artes Performativas. **Rebento – Revista de Artes do Espetáculo**. São Paulo, n.4, p. 35-41, mai. 2013.

O RISO dos outros. Direção: Pedro Arantes. Roteiro: Pedro Arantes. São Paulo: TV Câmara, 2012. Publicado pelo canal do YouTube da TV Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://youtu.be/GowlcUgg85E?si=z11UNIRSXOLGjESq> Acesso em: 01 de dez. 2024.

ROCHA, Andrea Tedesco Canales *et al.* A procura por uma pomba. **Revista IEPA**, v. 2, out. 2024. Disponível em: <https://revista-iepa.com/editions/ed-2/> Acesso em: 17 set. 2025

ROSENTHAL, Dalia. **O elemento material na obra de Joseph Beuys**. 2002. 187 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1600353. Acesso em: 7 out. 2025.

RUGITSKY, F. O Curral do Mundo. Phenomenal World, Nova York, 21 ago. 2024. Disponível em: <https://www.phenomenalworld.org/pt-br/analises/the-worlds-stockyard/> Acesso em: 04 abr. 2025.

SANTANA, Analola. Política, identidade e teatro: entrevista com Rodrigo García. Tradução de Jacqueline Pinzon. **Revista Cena**, Porto Alegre, n. 12, p. 1–8, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/34570>. Acesso em: 6 nov. 2025

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível. Manifesto por uma desaceleração das ciências**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

TOKARCZUK, Olga. **Sobre os ossos dos mortos**. São Paulo: Todavia, 2019.

TOMASI DI LAMPEDUSA, Giuseppe. [Epígrafe de “A sereia (Lighea)”]. In: COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Trad. Madeleine Deschamps; Victoria Mouawad; desenhos de Luiz Zerbini. São Paulo: Dantes, 2020.

UNITED NATIONS. Office of the High Commissioner for Human Rights (OHCHR). *Convention against Torture and Other Cruel, Inhuman or Degrading Treatment or Punishment*. s.d. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/convention-against-torture-and-other-cruel-inhuman-or-degrading>. Acesso em: 3 nov. 2025.

VEGANISMO [por] Angela Davis. [s.a.] [s.l.] publicado pelo canal do Youtube LEA – Laboratório de Ética Ambiental e Animal. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=kBtBwZAou_Y Acesso em: 02 dez. 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Eduardo Viveiros de Castro**. Organização de Renato Sztutman. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2007. (Coleção Encontros).

VISNIEC, Matëi. **Os bolsos cheios de pão: e outras peças curtas**. Tradução de Roberto Mallet. São Paulo: É Realizações, 2017.